

Nos 170 anos da Patuleia e nos 200 de Teixeira de Vasconcellos

Palestra proferida a 24.2.2016 por Manuel Abranches de Soveral
no castelo de S. João da Foz, numa iniciativa da
FOZ LITERÁRIA, Ciclo de Roteiros Literários e Conferências.

A História é o que é... Esta afirmação aparentemente tautológica serve sobretudo para sublinhar que, em História, todos os revisionismos são ilegítimos e que todas as interpretações descontextualizadas do tempo e do espaço são tão falsas como inúteis.

Como ciência, a História não é a apenas a soma dos factos que enformam e informam o passado; mas também, necessariamente, a sua relação com o observador ou investigador.

Desta interdependência, afinal comum a toda a Ciência, avulta a necessidade de "esterilizar" o observador, ou seja, de garantir que a sua acção não vai contaminar o observado.

Quer isto dizer que a observação histórica deve despir-se de todas as considerações morais, culturais, religiosas, políticas e ideológicas?

Para responder a esta questão é necessário dividir a resposta em vários planos.

A moral, a cultura, a religião e outras superestruturas sociais são peças fundamentais de qualquer sociedade humana e, como tal, indispensáveis ao seu bom entendimento.

Mas, quanto mais recuamos no tempo, mais dispares essas superestruturas são no espaço e mais diferentes são dos conceitos prevalecentes na actualidade.

O erro, aliás recorrente, está em observar determinado passado à luz dos valores presentes.

O necessário relativismo, essencial à ciência histórica, é muitas vezes esquecido, quando não combatido, por aqueles que se querem servir da História, manipulando-a para os mais diversos fins. E daí o descrédito e falta de rigor de muita historiografia.

Mas um observador verdadeiramente profissional, portanto não só isento mas também devidamente informado sobre todas as idiosincrasias envolvidas no período histórico em análise, para além de fazer boa ciência histórica não pode, justamente por isso, ser muito útil à actualidade?

Depois dos anos do Direito e da Política do século passado, vivemos hoje um tempo de prevalência da Economia, também ela uma ciência social, mas que gosta de se mascarar de exacta, quando afinal os seus resultados estão bastante longe de o ser...

Bom seria que no futuro prevalecessem a História e os historiadores! Sobretudo para evitar a cíclica e dolorosa repetição de erros do passado, repetição essa que só a ignorância histórica pode justificar.

Mas, para que a História possa ser útil no presente e os seus ensinamentos convertíveis em leis científicas, é necessário que os fenómenos estudados sejam despidos de todas as suas circunstâncias históricas. E o que fica, feito isso? Justamente o que é imutável: a natureza humana!

Serve este introito para melhor situar o que aqui brevemente vos queria dizer a propósito da efeméride dos 200 anos do nascimento do portuense António Augusto Teixeira de Vasconcellos e dos 170 anos da Patuleia, essa estranha revolução capitaneada pelo Porto.

Quando se invocam efemérides deste tipo, sejam pessoas ou acontecimentos, ou ambos, como é o caso vertente, sobretudo em circunstâncias de brevidade como esta, em que não é possível o vasto pormenor documentado em que assenta a verdadeira investigação histórica, parece-me desejável uma abordagem retrospectiva, isto é, que tenha uma perspectiva actual sobre aquilo que está a ser invocado.

Tanto mais que, se está a ser invocado, é justamente porque deixou memória.

Aliás, um interessante fenómeno histórico, nem sempre devidamente contabilizado, prende-se com o percurso que determinada figura ou facto fazem após a sua morte ou acontecimento.

Com efeito, nem tudo e nem todos acabam quando acabam. Como já disse Camões, há na verdade

*AQVELES QVE POR OBRAS VALEROSAS
SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO.*

O que também se aplica a certos acontecimentos, que permanecem séculos na memória dos homens.

O interessante, muitas vezes, é verificar que essa memória social, seja de pessoas seja de factos históricos, fica amiúde eivada de imprecisões e inverdades, quando não de descaradas mentiras.

Mas aqui, por estranho que possa parecer, esse erro passa a incorporar a verdade histórica, não sobre a pessoa ou o facto em si, mas sobre o rasto social que deixou. Rasto esse que, dada a sua natureza, não é uniforme ao longo dos vários estratos sociais nem tempos e espaços históricos, criando por isso uma enorme complexidade na análise. Mas qualquer purismo (neste caso consubstanciado em revisionismo), que faça tábua rasa desse fenómeno, estará incorrecto e sobretudo a observar mal.

António Augusto Teixeira de Vasconcellos nasceu no Porto, à ilharga da Sé, na Rua de Nossa Senhora do Ferro, a 1 de Novembro de 1816, sendo baptizado naquela catedral no dia 10 seguinte.

Comemora-se portanto este ano o bicentenário do seu nascimento.

Muitíssimo se poderia dizer sobre Teixeira de Vasconcellos e não chegariam várias horas da vossa paciência para apresentar um quadro minimamente inteligível da sua vida e obra.

Mas podem respirar de alívio: apenas aqui abordarei, brevemente, a revolução da Patuleia à luz do seu testemunho.

Teixeira de Vasconcellos tinha 30 anos quando participou na Patuleia, desde o seu início; descreveu-a no seu romance "*O Prato de Arroz Doce*" e redigiu a Convenção de Gramido que lhe pôs fim.

Entre o escritor e essa revolução portuense há um traço comum muito vincado: são ambos desconcertantes, complexos e incatalogáveis.

Se o tivesse aqui, daria um doce a quem, entre a ilustre assistência, nos dissesse, em frase curta e clara, o que foi a Patuleia e que ideia central, que ensinamento histórico essencial dela podemos retirar.

E não vale dizer que foi uma guerra civil que durou cerca de um ano, começou na sequência da revolução da *Maria da Fonte* na Primavera de 1846, com o levantamento de 9 de Outubro desse ano, e terminou com a Convenção de Gramido a 30 de Junho do ano seguinte, opondo ao governo *Cartista* de Lisboa do marechal Saldanha uma amálgama de *Setembristas* moderados e de *Miguelistas*, unidos num governo dissidente, sediado no Porto.

Isto descreve o acontecimento, mas não o explica minimamente, e muito menos descortina o essencial do fenómeno.

Uma guerra civil não é coisa de pouca monta! Mais uma vez, temos de nos despir das idiosincrasias actuais para sequer considerar uma guerra civil como uma hipótese aceitável para a resolução de conflitos. Mas, mesmo na época, não se partia em Portugal para uma guerra civil de ânimo leve e sem fortes motivos.

Por outro lado, tratou-se de uma cisão que dividiu o Norte contra o Sul, partiu de uma revolução popular confusa, a *Maria da Fonte*, de inspiração tradicionalista e forjada no Portugal profundo, mas liderada pela facção moderada dos *Setembristas*, um movimento liberal de forte pendor democrático, aliada aos *Miguelistas*, os derrotados da anterior guerra civil, tradicionalistas e de alguma forma ligados à inicial revolução da *Maria da Fonte*.

Aparentemente, a Patuleia apresenta-se, para usar uma expressão hoje muito em voga, sobretudo como uma "coligação negativa" contra o governo *Cartista*.

Despidos das particulares circunstâncias históricas, que valores essenciais representavam o *Cartismo* e os seus aliados?

Basicamente, como hoje diríamos, representavam o grande capital e a grande finança. Intimamente ligados a interesses estrangeiros, formalmente liberais, o *Cartismo* e os seus aliados tinham extinguido as ordens religiosas e feito grossas negociatas com os seus bens; implementado a mais centralista de todas as reformas administrativas, seguindo o modelo napoleónico; e criado uma nova classe plutocrata, sobretudo centrada a Sul. Saídos do *Vintismo*, aliás tal como os *Setembristas*, os *Cartistas* tinham ainda do seu lado boa parte dos chamados *Setembristas radicais*, ou seja, a Maçonaria.

Nesta perspectiva já se entende melhor a coligação de forças de resistência, que basicamente estavam contra esse novo rumo, defendendo difusamente um país menos capitalista e mais democrático, seja através de uma nova Constituição e do sufrágio universal (como queriam os *Setembristas*), ou o regresso às liberdades e à democracia do municipalismo e Cortes tradicionais (como queriam os *Miguelistas*).

Teixeira de Vasconcellos, aliás, representa bem esta aparentemente estranha união entre *Setembristas* e *Miguelistas*.

Começando por ser apoiante de D. Miguel, por quem combateu na guerra civil de 1828-34, tinha então 17 anos, acabou por passar-se para os *Setembristas*, por considerar os *Miguelistas* incapazes de se unirem em torno de uma estratégia política vencedora.

A Patuleia, como a gestação humana, durou nove meses.

No fim, ganhou o poder internacional! Foi vencida sobretudo pelas forças inglesas, francesas e espanholas da *Quádrupla Aliança*.

Como o governo *Cartista* tinha o apoio da rainha D. Maria II, esta soberana invocou o apoio daquela aliança criada em 1834 para impor regimes liberais nas monarquias ibéricas.

Como se a Patuleia, dirigida por *Setembristas*, não quisesse também um regime liberal...

Teixeira de Vasconcellos ficou sobretudo conhecido como escritor.

Mas, da sua multifacetada personalidade e agitada vida, ressalta acima de tudo a actividade que durante muitos anos desenvolveu como jornalista, de forma inovadora, independente e perspicaz.

Aliás, na minha opinião, já defendida noutros fóruns, o seu romance "*O Prato de Arroz Doce*", cuja 1ª edição foi publicada em 1862, portanto há 154 anos, é sobretudo uma magistral reportagem sobre a Patuleia.

É curioso anotar que Teixeira de Vasconcellos, então já uma figura nacional, nessa 1ª edição mandou escrever apenas:

O Prato de Arroz Doce
Romance
por
A. A. Teixeira de Vasconcellos
Natural do Porto

Da incisiva visão de Teixeira de Vasconcellos ressaltam vários aspectos que nos ajudam a compreender o que foi, por dentro, a Patuleia.

E dentre eles, naturalmente, avulta a incontornável figura do *setembrista* José Passos, líder da autoproclamada *Junta Suprema do Governo do Reino*, sediada no Porto.

Mais conhecido por Passos José, por oposição a seu famoso irmão, o maçónico Passos Manuel (Manuel Passos), que o apoiou na Patuleia mas nunca assumiu posição de liderança.

José Passos é retratado por Teixeira de Vasconcellos de forma complacente, mas risível.

Necessitando de manter unida uma amálgama de apoios instáveis e muitas vezes contraditórios, José Passos inventou o que ele próprio chamou o "*método confuso*", que basicamente consistia em difundir muita informação pouco esclarecedora e contraditória, prometendo tudo a todos.

Com isso conseguia baralhar os apoiantes o suficiente para, dizendo ora uma coisa e logo o seu contrário, conforme o que os interlocutores queriam ouvir, manter todos confundidos e iludidos o bastante para se suportarem unidos.

Na verdade, pode dizer-se que José Passos foi um precursor do político moderno...

Até então, a Política e os políticos podiam ter muitos defeitos, mas esse não era um deles. Mesmo Maquiavel, bem interpretado, fundamenta muito mais por exemplo um marquês de Pombal do que qualquer outro tipo de político português. Os políticos podiam ser duros, tiranos mesmo, mas eram claros e sempre aguerridos na defesa das suas ideias ou objectivos.

É certo que a demagogia é tão antiga como a democracia e desde a Grécia clássica foi não só a sua caricatura como a sua tendência mais natural. E hoje são ditos democráticos muitos regimes que afinal não passam de demagogias.

Mas em 1846 Portugal não tivera ainda essa experiência.

É claro que a democracia plasmada no municipalismo e nas Cortes é tão antiga como o país. Refiro-me, portanto, à sua versão moderna de representação, que está na génese da política e dos políticos como hoje os conhecemos.

O *Vintismo* (1820) fora revolucionário e durara apenas três anos, até à *Vila-Francada*. A Constituição de 1822 ainda durou menos, sendo suspensa a 4 de Janeiro de 1824. Em 1826, com a morte de D. João VI e o primeiro exílio de D. Miguel, D. Pedro, primeiro imperador do Brasil, foi reconhecido como rei de Portugal e outorgou a Carta Constitucional, abdicando de seguida o trono do Brasil no filho e o trono de Portugal na filha, D. Maria II, que pouco depois casou com o tio, D. Miguel, que regressou do exílio e assumiu o poder.

Em 1832 começou formalmente a guerra civil, que acabou em 1834, com a convenção de Evoramonte, sendo restaurada a Carta Constitucional. Começa então um período de revoltas, levantamentos militares e golpes palacianos que opunham os *Cartistas*, defensores da Carta Constitucional, aos *Setembristas*, um grupo de liberais defensores da Constituição de 1822, que conseguiram que a rainha jurasse em Setembro de 1836, e daí o nome. Em pano de fundo, os *Miguelistas* continuam activos e insurgentes.

Em 1842 foi restaurada a Carta Constitucional, que ainda vigorava em 1846, quando da Patuleia.

Estes 26 anos, que medeiam entre a revolução liberal de 1820, ainda D. João VI estava no Brasil, e a Patuleia de 1846, passaram-se em golpes e contragolpes, com uma guerra civil pelo meio, sendo a política e os políticos deste período caracterizados pela violência e conflitualidade, sempre, de parte a parte, com posições muito assertivas e extremadas.

O "*método confuso*" foi uma inovação em Portugal, tanto quanto sei pela primeira vez usada durante a Patuleia. E resulta directamente da necessidade de os políticos simularem respostas a um eleitorado heterogéneo e instável, que de outra forma não conseguiam arregimentar. Coisa que até aí não tinha acontecido, dadas as profundas fracturas políticas que se verificavam, mesmo entre os liberais, sendo a estratégia do discurso político baseada no acirrado confronto ideológico e não em qualquer tido de consenso ou compromisso.

José Passos viu-se portanto numa circunstância nova, até aí não experimentada pelos políticos portugueses. Numa perspectiva actual, procurando para lá das circunstâncias históricas, podemos facilmente isolar os factores essenciais da imutável natureza humana aqui presentes: do lado de José Passos, ou seja, do político, temos o instinto de sobrevivência aliado à natureza predatória; do outro, o habitual comportamento das massas e a inata tendência para seguir o grupo e para o que os ingleses chamam *wishful thinking* e nós podíamos traduzir por *engana-me que eu gosto*...

O "*método confuso*", muito argutamente assinalado por Teixeira de Vasconcellos, talvez seja o que de mais significativo se pode retirar da Patuleia, na perspectiva quer do ensinamento histórico quer da repercussão sociopolítica.

Se bem que, em rigor, se trate apenas de mais um passo, um refinamento, na terrível máxima segundo a qual os fins justificam os meios, seja ou não Maquiavel o autor do conceito.

Até porque, em boa verdade, valorizar os fins e desvalorizar os meios faz parte dos instintos básicos da natureza humana e até da natureza animal. Foi a Cultura, plasmada na Civilização, que a muito custo foi

incutindo nos homens o valor supremo dos meios, sem o respeito dos quais nenhum fim vale realmente a pena.

No prólogo da 1ª edição do seu *"Prato de Arroz Doce"*, escrito em Lisboa a 20 de Setembro de 1862, Teixeira de Vasconcellos confessa-se *"liberal e monarchico"* e *"progressista impenitente"*. Reconhece que tentou resumir no romance *"alguns dos principaes sucessos da revolução portuense de 1846"*.

Diz que foi *"junteiro"* e que estava em Lisboa quando soube da revolução, partindo de imediato para o Porto. Logo no dia 13 de Outubro de 1846 foi nomeado pela Junta tenente-coronel comandante de um batalhão de Paredes, por voto dos cidadãos desse concelho. Esse batalhão não estava formado e Teixeira de Vasconcellos nunca o formou, por saber *"quão pacífica e avessa a tumultos políticos era aquela gente"*.

No dia 29 do mesmo mês foi destacado como adido no Estado-Maior do visconde de Sá da Bandeira e no dia 30 nomeado governador do distrito de Vila Real. Diz Teixeira de Vasconcellos que tomou posse deste cargo *"afiançando que respeitaria todas as opiniões desarmadas, e cumpri a minha palavra com risco de vida"*.

Serviu como governador até ao fim desse ano, sublinhando a propósito: *"Nunca recebi ordenado nem soldo. Entendia eu que as magistraturas populares em tempo de guerra civil deviam ser gratuitas"*. Sabe-se na família que vendeu várias propriedades para suportar as despesas do governo de Vila Real. Teixeira de Vasconcellos não o refere, embora diga: *"Sahi pobre d'aquella tremenda luta e nunca pedi que me restaurassem dos prejuízos de então"*. Acrescentando: *"Disse n'esse tempo o Braz Tizana que me tinham feito visconde. Era falso. A Junta para cumprir o desejo de prestar testemunho das suas propensões monarchicas e aristocraticas não careceu de incomodar a gente de casa"*.

Regressado ao Porto, diz que despiu a farda de tenente-coronel de um batalhão imaginário para tomar a de soldado do Regimento de Cavalaria do Porto, onde se apresentou armado e montado à sua custa. A 21 de Janeiro de 1847 foi despachado alferes graduado, de

novo para o quartel-general do visconde de Sá da Bandeira. Ficou entretanto doente.

Estava convalescente quando foi convidado pelo conde das Antas para seu ajudante às ordens e chamado por José Passos para dirigir a correspondência diplomática da Junta. A 14 de Junho foi nomeado comissário do governo, conjuntamente com o General António Joaquim Guedes de Oliveira e Silva, para tratar com Sir Thomas Maitland e os comandantes francês e espanhol. *"E poucos dias depois – escreve Teixeira de Vasconcellos – fizeram-me a honra de confiar à minha lealdade e pundonor a redacção do projecto de convénio que assignaram em Gramido os snrs. marquez de Loulé e conde de Torres Novas."*

Sobre a Patuleia, diz Teixeira de Vasconcellos nesse mesmo prólogo de 1862: *"É permitido duvidar se o Porto fez bem ou fez mal em se revoltar no mez de outubro de 1846 contra o governo de Lisboa. Eu resolvo a questão em duas palavras. Fez mal. Mas também decido que eu fiz bem e muitos outros igualmente em adherirmos à revolução. Responde o coronel pela manobra errada do regimento. O soldado aguarda a voz de commando e executa-a."*

Quanto à forma como os habituais oportunistas se comportaram durante a revolução e à intervenção estrangeira, Teixeira de Vasconcellos deixa críticas implícitas quando escreve: *"Na hora do perigo, em que a Junta tinha perdido dous dos seus membros mais esclarecidos e respeitáveis, e em que, desemparedada dos numerosos amigos que a cercaram sempre durante as probabilidades de triumpho, se via colocada entre as ameaças das forças invasoras, e o receio da insubordinação das suas tropas, não me afastei d'ella, e pela minha modesta parte contribui para que fosse honroso e digno o desenlace".*

Em suma: Teixeira de Vasconcellos, quer pela sua participação quer sobretudo pelo seu *"Prato de Arroz Doce"*, ficou indissociavelmente ligado à Patuleia.

E foi esse aspecto particular da sua multifacetada vida que aqui hoje, no ano do bicentenário do seu nascimento, brevemente quisemos invocar, sendo também de assinalar, dada a circunstância deste

evento, as várias referências que Teixeira de Vasconcellos faz à Foz no decorrer do enredo do seu *"Prato de Arroz Doce"*, cuja leitura recomendo a quem não teve ainda oportunidade de o fazer.

Porto, 2016

Manuel Abranches de Soveral